Novela do tarifaço completa um ano e indústria teme novas taxas

Indústria registrou perdas após cobrança dos EUA e relação comercial tem novo impasse

Juliana Nunes
juliana.nunes@gruposinos.com.br

No dia 9 de julho de 2025, o presidente dos EUA, Donald Trump, enviou uma carta ao presidente Lula, comunicando a sobretaxa de 40% sobre produtos brasileiros que entram em território norte-americano. Somada aos 10% cobrados a partir de abril do mesmo ano, a taxação somou 50%. Na época, o argumento tinha apelo comercial e também político. Trump manifestou contrariedade às decisões do STF que envolviam o ex-presidente Jair Bolsonaro. Após idas e vindas, um ano após o anúncio, novas sobretaxas ameaçam a recuperação da indústria brasileira.

Agora, o tarifaço pode chegar a 37,5%. A decisão final, da cobrança de 25% ao Brasil, e 12,5%, que incluem também outras nações, será apresentada, na próxima quarta (15). Na segunda (6) e na terça (7), representantes do setor produtivo brasileiro participaram de audiência pública nos EUA para tentar evitar a nova incidência.

Os 50%

A sobretaxa teve início, de forma oficial, no dia 6 de agosto de 2025. De lá para cá, a tarifa contou com lista de exceções até ser invalidada na Justiça dos EUA em fevereiro deste ano, quando uma taxa de 10% foi aplicada de forma global com validade de 150 dias. De acordo com a Fiergs, a implementação das tarifas em abril do ano passado (10%) e, de forma mais agressiva, a partir de agosto do mesmo ano (40%), fez com que a indústria gaúcha tivesse quedas expressivas em suas exportações, chegando a reduções de 37% nos últimos cinco meses de 2025 e de 22,4% entre janeiro e abril de 2026.

Priscila Linck

O setor calçadista foi fortemente impactado. Dados do comércio exterior da Abicalçados mostram que nos sete meses posteriores à vigência da sobretaxa, houve quedas de 17,9% em valor e 12,1% em volume nas exportações brasileiras de calçados para os EUA, em comparação com o período anterior. "Os EUA continuam sendo o principal destino dos calçados brasileiros, mas a política tarifária passou a representar uma ruptura relevante a partir do segundo semestre de 2025, com reflexos ainda perceptíveis em 2026", diz a economista e coordenadora de Inteligência de Mercado da entidade, Priscila Linck.

FERNANDA KLAUCK/DIVULGAÇÃO

Couro e calçados estão entre os mais impactados

Os impactos nos setores e a reorganização de destinos

Dentre os principais exportadores da indústria do RS para os Estados Unidos, a Fiergs destaca entre os mais impactados por tarifas adicionais armas e munições, couro e calçados, madeira, móveis e tabaco. As projeções do Conselho de Comércio Exterior e da Unidade de Estudos Econômicos da Fiergs estimam que 50,3% (US$ 828,5 milhões) das exportações gaúchas para os EUA terão, caso a medida avance na Casa Branca, uma tarifa adicional de 37,5%. Outros 0,3% (US$ 5,6 milhões) terão uma tarifa adicional de 12,5%, de modo que 50,7% das exportações do RS estarão sujeitos ao novo tarifaço. Sobre redirecionamentos de mercados, durante a cobrança de 50%, a Fiergs relata que não há como afirmar com precisão como ocorreu a reorganização. Percebeu-se que o setor de armas e munições ampliou, em certa medida, suas exportações às Filipinas e, em menor grau, ao Peru. O setor do tabaco apresentou aumento das vendas para Vietnã, Emirados Árabes Unidos e Paraguai ao longo de 2025, embora esse desempenho não tenha sido mantido em 2026. No caso da madeira, verificou-se crescimento para o México em 2026. Já o setor moveleiro registrou, especialmente a partir de agosto de 2025, aumento para a Argentina e, em 2026, para a Polônia. Tabaco e calçados, conforme a entidade, possuem mais dificuldades por terem demandas específicas.

Mercado importante para o couro

De acordo com o Centro das Indústrias de Curtume do Brasil (CICB), no balanço das exportações de couros e peles do Brasil no ano de 2025, os Estados Unidos ficaram na vice-liderança do ranking de maiores países importadores, com US$ 142,7 milhões. Isso representou uma participação de 12,6%, com queda de 14,4% sobre o ano de 2024. Em 2026, de janeiro a junho, o país governado por Trump se manteve na vice-liderança, com valor total de US$ 65,1, participação de 12,0%, e representando uma queda ainda maior, de 16,6% em relação ao primeiro semestre do ano passado.

"A parceria comercial entre Brasil e Estados Unidos no setor de couros é importante para os dois países, por isso, tentou-se ao máximo manter as exportações no período em que houve a sobretaxa para os produtos brasileiros. Buscamos também novos mercados, e foi possível ver crescimentos relevantes de vendas em 2025 para países como Coreia do Sul (+34,5%), Espanha (+38,8%) e México (+4,3%)", conta Rogério Cunha, da Inteligência Comercial do CICB.

+ Tributos afetam o ranking moveleiro

Na indústria moveleira do Rio Grande do Sul a taxação de 50% mudou até a colocação dos Estados Unidos como comprador dos envios gaúchos pelo setor. Segundo a Associação das Indústrias de Móveis do Rio Grande do Sul (Movergs), antes da cobrança do tarifaço anunciado em 2025, o mercado norte-americano ocupava o 2.º lugar no ranking de principais destinos dos móveis gaúchos na exportação, somando mais de US$ 30 milhões. No primeiro trimestre de 2026, este mercado já caiu para a 5.ª posição (US$ 3,8 milhões entre janeiro e março deste ano). Com o desafio, foi preciso abrir novos mercados. Conforme a associação do RS, o Uruguai ocupa o topo do ranking e os principais novos mercados incluem ainda Peru, México, Chile, Paraguai, Argentina. A entidade tem acompanhado o processo de negociações nos EUA via Abimóvel.

O agronegócio do RS também segue em alerta. Levantamento da Federação da Agricultura do RS (Farsul) aponta que as novas tarifas norte-americanas ameaçam US$ 334 milhões em exportações gaúchas.

abc+
Acompanhe os desdobramentos em abcmais.com/economia